



GIRØ1511

MANCHETÉ
28/12/191

Manchete



ECO 92

SÃO PAULO

OS ÍNDIOS DA SELVA DE PEDRA

Eles moram a 30 quilômetros do centro de São Paulo, mas são índios de verdade. Tão guaranis que jamais deixam um branco assistir aos seus rituais religiosos. São 200 índios, na maioria crianças, que vivem na Reserva do Morro da Saudade, em Parelhei-

ros, e estão em luta desesperada para preservar sua identidade. Pois, como diz o cacique Guyra Pepó, um povo dominado é aquele que deixa morrer sua história.





Keretju, 23 anos, formada em contabilidade, é filha do líder Karai Mirim, professor de História formado em universidade do Rio.

ELES SE DIZEM VÍTIMAS DE UM GENOCÍDIO JESUÍTA. E TENTAM RETOMAR SUA IDENTIDADE CULTURAL

A cidade próxima ainda é uma ameaça. Da porta do templo indígena da Reserva do Morro da Saudade, em Parelheiros, periferia de São Paulo, o cacique Guyra Pepó fuma o seu cachimbo e olha a aproximação do *jurua* — homem branco em guarani — com restrição. Entre uma baforada e outra, passam pela mente alguns *flashes* da história de seu povo, que ali mora desde o descobrimento do Brasil. Hoje, depois de quase cinco séculos de dominação, eles abandonaram a caça e nem sempre conseguem recorrer ao que chamam de conhecimento milenar para salvar a vida dos integrantes da comunidade que adoecem. Para sobreviver, vendem artesanatos e colhem palmito na serra do Mar. São 200 índios — na maioria crianças — que lutam para não sucumbir diante de uma cultura alheia. Um povo em busca da identidade perdida. Eles conservam ainda os rituais religiosos e usam o cachimbo como forma de defesa. Ao

A percussão na mata é herança colonial. Os rituais religiosos da comunidade são terminantemente vedados aos juruás. Fotos, nem pensar.





Sem abandonar os colares, a testeira e o jeito dos cabelos, marcas registradas dos índios, Karai Mirim dá aula em escola de branco.

mesmo tempo encontram forças e se aventuram pela selva de pedra, freqüentam universidades e até mesmo ensinam às crianças brancas nas escolas de primeiro e segundo graus, como faz o líder Karai Mirim, professor de História da Escola Estadual de Primeiro Grau Roberto Mangi.

Através de um conselho formado por dez índios, responsáveis pelo destino da tribo, eles se organizaram e anunciam a grande vitória: a construção de um centro de cultura indígena que receberá o nome de Ambá Arandu.

A vida no morro da Saudade, apesar de difícil, é bastante tranqüila. As crianças não freqüentam as escolas da região e aprendem o português e o guarani no templo que fica no centro da aldeia. Todas as manhãs o cacique Guyra Pepó reúne os alunos sem se preocupar com as diferenças de idade. Ninguém é obrigado a acompanhar as aulas. Cada um é livre para decidir o que fazer. As crianças são tratadas em igualdade de condições com os adultos. "Não se interrompe uma conversa quando alguma delas se aproxima", diz Karai Mirim. "Isso prejudica o seu desenvolvimento."

Quem vai ao morro da Saudade esperando encontrar uma comunidade desorganizada acaba se surpreendendo. A pobreza aparente reflete apenas a dificuldade que eles têm em viver num mundo comandado pelo homem branco.



O cacique Guyra Pepó ensina português e guarani na escola da comunidade, dando muita ênfase à preservação cultural indígena. Depois, de tanga, fuma seu cachimbo e filosofa: "Domina-se um povo acabando com sua história."

PARA CONTINUAREM GUARANIS DE VERDADE, ELES NÃO SE CASAM COM GENTE DE FORA, MAS HÁ ACULTURAÇÃO

Tudo ali é pensado e repensado. "Nós temos organização sócio-econômica e político-religiosa", afirma Karai Mirim. "Somos uma cultura milenar." A construção do centro é uma prova disso. Os líderes da



Atentos à programação impressa, os índios assistiram à novela *O Guarani*, da Rede Manchete.



A aculturação está presente também na bicicleta das crianças, nas embaixadas do indispensável futebol e no mascate que vem vender na comunidade.



tribo, bastante atuantes, conseguiram uma doação de US\$ 40 mil de uma entidade alemã. Esses recursos estão sendo empregados na obra, cujas paredes de tijolos contrastam com as casas da tribo, feitas de troncos de árvores. O projeto respeita a arquitetura guarani. A parte da frente do centro cultural está voltada para a nascente do sol e a retaguarda para o poente. Isso, segundo eles, facilita a aprendizagem pela entrada estratégica da luminosidade e também por estar entre os pontos cardeais leste e oeste, pólos energéticos considerados de grande importância pelos índios. "Para dominar um povo, basta

acabar com sua história. É estratégia de guerra e foi utilizada contra nós", lamenta Karai Mirim. "Os jesuitas cometeram um genocídio contra nosso povo e fomos massacrados. Nossos educadores são os mais velhos. Se eles são mortos, de que forma poderemos transmitir nossa cultura aos jovens?" A mulher ocupa papel de destaque na sociedade indígena. É livre para fazer o que desejar. Há, no entanto, algumas tradições: são responsáveis pela educação das meninas, respondem pela colheita e, assim como o homem, fazem artesanatos. Inayá Ywareju, de 42 anos, é casada com Karai Mirim

e discute os problemas da tribo com uma dedicação apaixonante. Fuma o petengüá — cachimbo — como os homens e sorri quando fala do destino de seu povo. "Tudo vai melhorar com a construção do centro cultural." Ao seu lado, a filha Keretju, de 23 anos, formada em contabilidade, concorda com a mãe e também demonstra otimismo. Pre'ende no futuro cursar enfermagem. Karai Mirim mora com a mulher e a filha numa modesta casa fora da tribo. É o que ele chama de posição estratégica, pois fica próxima à escola Roberto Mangi, onde leciona, e não muito distante da tribo. Geralmente é ali que os líderes se reúnem e



As tentativas de preservação não impedem que um tratorzinho da indústria branca ajude na roça. E, para o passeio, nada melhor que carro de branco.



Sentadas no chão da escola, as crianças aprendem o português e o guarani com muita dedicação. E depois saem por aí, entre carinhos e abraços.

decidem o que deve ser feito em benefício da comunidade. Numa dessas reuniões foi aceita a proposta da Rede Manchete para que os índios participassem da novela *O Guarani*, uma adaptação do romance de José de Alencar. Uma outra maneira que encontraram para preservar a cultura é a orientação de evitar o casamento com pessoas de outra raça. "Não é por preconceito", explica Karai. "É a única forma de preservarmos a raça." O casamento na comunidade ocorre geralmente após o homem e a mulher ultrapassarem os 15 anos de idade. Antes da colonização, ele só acontecia após os 20

anos, idade que consideram mais apropriada, pois o casal está mais amadurecido. Nas cerimônias religiosas e festivas, eles se reúnem, não sem antes terem a certeza de que não há nenhum homem branco por perto. É terminantemente proibido fotografar determinados rituais. Nesses momentos, eles se despem e pintam o corpo com a tinta extraída do urucum. O porte elegante, o canto guarani e a dança provam que sua cultura sobrevive. As crianças assimilam e acompanham os adultos com ar respeitoso. Na mata próxima aprendem que os reinos animal, vegetal e mineral devem ser preservados, pois há um

equilíbrio entre eles. O homem não tem o direito de interferir nesse ponto. "Se vocês cortarem uma árvore, devem saber que ali está uma vida. É ignorância não perceber isso", explica Karai Mirim aos pequenos que o rodeiam. "Todo povo deve evoluir. Nós não somos exceção." O cacique Guyrá Pepó observa, concordando com a explicação. "Das 900 nações indígenas da época da colonização, apenas 180 sobreviveram. A luta pela preservação e contra o genocídio está dentro de cada um de nossos corações."

MAURO SILVEIRA
FOTOS DE MARCOS MUZI